

Arte

# Viagem fantástica

*Uma exposição e um livro contam a aventura do barão Langsdorff, que no século XIX desbravou o interior do país*

Poucas pessoas conheciam os planos secretos do zeloso cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro, o nobre de origem alemã Gregory Ivanovitch Langsdorff. Quando não estava às voltas com despachos diplomáticos, o barão Langsdorff, membro extraordinário da Academia de Ciências de São Petersburgo, alimentava um sonho: ir às profundezas do Brasil, pisar onde nenhum homem branco estivera antes, enfrentar perigos desconhecidos dos europeus, ver bichos inimagináveis, conhecer os mistérios da floresta. Seus sonhos, porém, nada tinham dos de aventureiros comuns, desses que querem enriquecer. Sua intenção era ampliar o conhecimento científico, enriquecer a humanidade com informações inéditas, com descrições de animais estranhos, de árvores perdidas na selva, de povos exóticos. Langsdorff queria descobrir o Brasil, não deixar escapar nada de seus olhos aguçados e contribuir com todos os ramos das ciências naturais da época. Era final da década de 10 do século XIX, e ele concluiu que chegara a hora de dar asas concretas ao seu plano de voo. Agora, 160 anos depois de Langsdorff trilhar o caminho da mata, os frutos de sua louca empreitada chegam ao Brasil em sua plenitude — na forma de um álbum luxuoso e de uma bem organizada exposição.

O itinerário do barão, para realizar a mais conturbada e extraordinária viagem pelo interior do Brasil, começou na Rússia. Foi lá, em 1821, que ele recebeu autorização e dinheiro do czar Alexandre I para empreender sua expedição científica. Langsdorff reuniu uma eficiente equipe de pesquisadores e voltou ao Brasil. Entre 1824 e 1829, o barão e seu grupo embrenharam-se na selva brasileira. Cruzaram a mata atlântica, o

cerrado do Centro-Oeste, o Pantanal do Mato Grosso e a floresta amazônica. O sonho do barão trazia embutida uma dose de pesadelo. A floresta cobrou seu preço a Langsdorff: ele conseguiu sair dela, mas já não era mais o mesmo homem. Como o Kurtz do romance *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, ou o Aguirre do filme de Werner Herzog, os trópicos também enlouqueceram o barão russo.

**CONVULSÕES** — Boa parte da fantástica Expedição Langsdorff, que percorreu 16 000 quilômetros Brasil adentro, poderá ser conhecida a partir desta semana através de um luxuoso livro da Edições Alumbramento, que resgatou toda a memória iconográfica da saga do barão, arquivada por quase dois séculos em Leningrado. São 369 desenhos e aquarelas de três artistas que, em fases distintas, acompanharam Langsdorff em suas in-



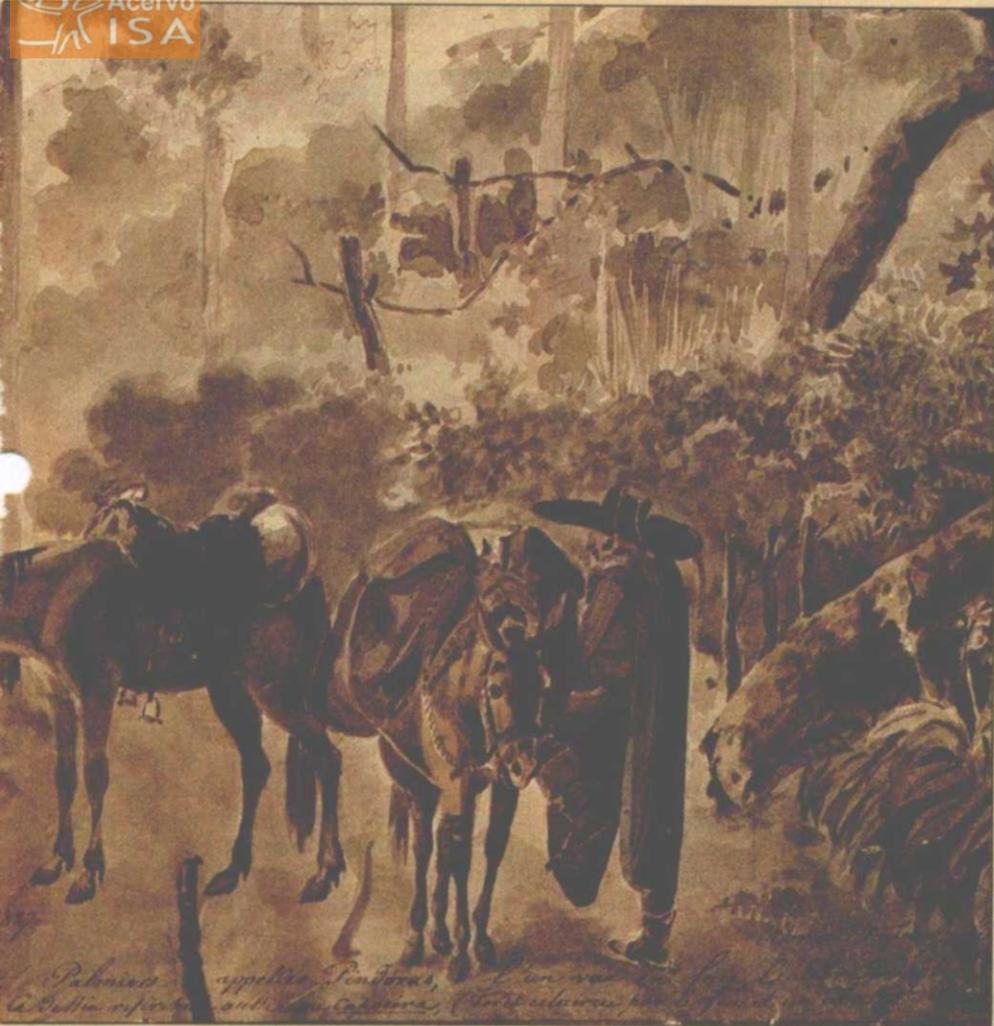
O tropeiro e a queimada, na visão...



cursões: Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay e Hércules Florence (veja quadro à pág. 110). Uma exposição com sessenta obras dos três artistas aventureiros será mostrada em quatro capitais brasileiras, a começar por Brasília, no Palácio do Itamaraty\*. No livro e na exposição é possível se admirar, com um afortunado distanciamento histórico, uma das aventuras mais espetaculares vividas em terras brasileiras. Aventura de um barão que, na União Soviética comunista, é cultuado como um dos grandes cientistas do século passado.

A iconografia da expedição é o fragmento mais rico de uma epopéia que forneceu aos cientistas russos um tesouro científico de valor incalculável. Ela pode ser abordada por vários aspectos: o difícil

\* Cuiabá (28/7 a 7/8); São Paulo (17/8 a 3/9); Rio de Janeiro (15 a 30/9)

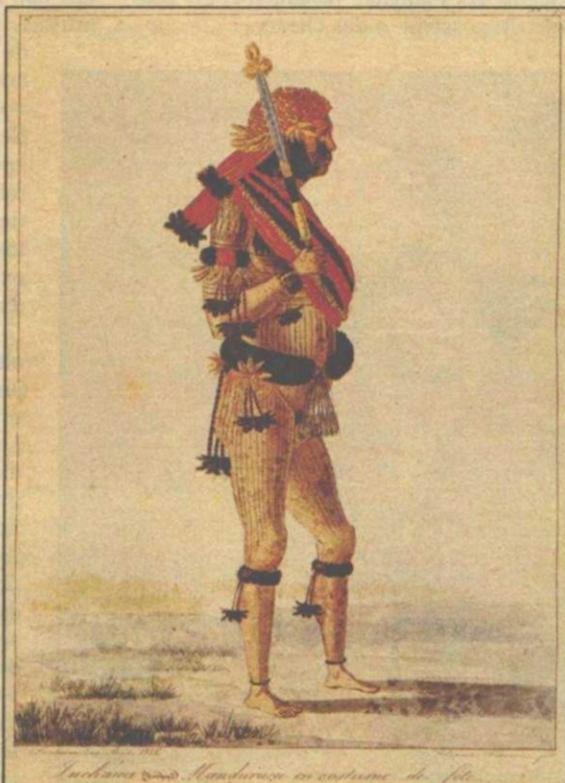


FOTOS CLAUDIUS C. MEYER

...de Taunay: registro de uma ação predatória que permanece até hoje

relacionamento mantido entre o líder da expedição e seus artistas, as conquistas científicas, ao retratar plantas e animais quase extintos ou catalogados dezenas de anos depois de registrados, ou a importância dispensada por Langsdorff aos desenhos e aquarelas. Sabe-se que uma das últimas anotações do diário do cientista se referia ao trabalho de Florence no Salto Augusto, um acidente geográfico no norte de Mato Grosso. Langsdorff encerrou seu diário a 20 de maio de 1828, depois de passar por febres altíssimas, possivelmente devido à malária, e enfrentar pesadelos e convulsões. Coube a Florence a constatação de que o cientista enlouquecera definitivamente. Chegara ao fim para Langsdorff o sonho de redescobrir o Brasil: ele acabara engolido por seu objeto de estudo.

Os delírios de Langsdorff



Chefe munduruku, por Florence: trajés de festa

se manifestaram muito antes de ele encerrar suas anotações. Um mês antes, ele já fora protagonista de um patético encontro em plena selva. Seu barco, que acolhia uma tripulação doente e exausta, se aproximou de uma aldeia de índios apiacá. Langsdorff, fora de si, vestiu seu uniforme de cônsul-geral da Rússia, ajeitou seu grande chapéu emplumado e o espadim e fez questão de pendurar na casaca todas as condecorações que havia recebido, além de erguer no mastro a bandeira de seu país. Seu interlocutor era o cacique dos apiacá. As crianças da tribo riam do velho europeu e de seus trajés inadequados para confraternizar com uma centena de índios nus. A insanidade do barão é ilustrativa: ele era o selvagem no encontro, como se a floresta retirasse dele sua razão européia e o transformasse num ser exótico.

“Devo, com pesar, comunicar que encontrei aqui o senhor Langsdorff na mais lamentável condição”, escreveu a seus superiores o plenipotenciário russo no Rio de Janeiro — F. Borel —, em 1830. “Privado de toda a sua capacidade mental e caduco, ele está completamente inabilitado para ocupar-se de qualquer coisa, ou mesmo conversar sobre qualquer assunto.” Antes de ensandecer, Langsdorff enviou a São Petesburgo, hoje Leningrado, um acervo formidável: 100 000 exemplares de plantas de várias espécies, animais empalhados, minerais, mapas, 1 000 páginas de diários com anotações manuscritas, objetos etnográficos e as 369 pranchas com desenhos e aquarelas — um tesouro que forma o mais completo inventário do Brasil dos primeiros anos do século XIX.

**VOLTA AO MUNDO** — O início da Expedição Langsdorff foi marcado pelo descrédito e não faria supor que o barão fosse mesmo capaz de empreender sua aventura. Por dois anos, a equipe realizou pequenas incursões somente no Rio de Janeiro. A verdadeira aventura de Langsdorff começa no Porto de Santos e só termina quando o barão enlouqueceu. O pintor Taunay, que substituiu Rugendas, faz uma aquarela do Mosteiro de São Bento, cercado por um denso matagal. Hoje, o mosteiro ainda existe, mas convive com uma rede de viadutos na cidade. A equipe teve tempo de registrar os costumes da então minúscula cidade de São Paulo e demorou dois meses para chegar à cidade Porto Feliz, a base do mergulho no desconhecido levada a cabo por Langsdorff. No interior de São Paulo, o cientista decidiu alterar o roteiro inicial de sua empreitada. No lugar de subir a pé até Goiás, o barão escolheu o



**Pássaros retratados por Taunay: tucanoçu, hoje usado como animal de estimação**

caminho fluvial que os levaria diretamente a Cuiabá, em Mato Grosso. Nenhuma expedição científica até então havia escolhido aquela rota fluvial. Langsdorff, que antes de se estabelecer no Brasil havia dado uma volta ao mundo num navio e realizado pesquisas no Alasca e no Japão, enfrentava mais um desafio.

A partida foi marcada por um grande almoço em Porto Feliz, onde nenhum dos convidados conseguia disfarçar a apreensão. O barão enviou uma série de desenhos à Rússia, pois temia pelo sucesso da incursão. Os integrantes da expedição

sentados à mesa sabiam que estavam prestes a avançar sobre regiões inexploradas e tinham consciência dos perigos que deveriam enfrentar. Apesar de todos os riscos, Langsdorff resolveu levar na aventura sua mulher, Vilguelmine, que só se separaria da expedição em Cuiabá, no seu sexto mês de gravidez. A expedição enfrentou momentos de tensão durante toda a viagem. Atravessou uma região hostil, onde viviam os temidos índios guaicuru, famosos por sua violência, e chegou ao Pantanal justamente no pior período possível: o das cheias.



**Anambé-preto, o "pavão": topete**

Por um mês, os membros da expedição vivem dias semelhantes aos do Noé da Bíblia. Não podiam abandonar suas canoas, pois não havia um único local seco por perto. Todos estavam esgotados, a comida era escassa e os poucos mantimentos remanescentes se estragavam devido à umidade. As relações pessoais foram se tornando cada vez mais ásperas, a ponto de Langsdorff ter um sério entreviro com o cordial Hércules Florence. O barão, que desde o episódio com Rugendas não nutria uma imagem positiva dos artistas, anotou em seu diário uma frase de caráter atemporal: "Os artistas comportam-se de modo provocativo e morrem na maior miséria. Seus trabalhos são valorizados após a morte e enriquecem livreiros, comerciantes de quadros e antiquários". A amizade entre o pintor, que também era cartógrafo da expedição, e Langsdorff foi reatada logo depois da briga.

Exaustos e famintos, acompanhados por vários índios que se juntaram à expedição no caminho, os cientistas chegaram a Cuiabá. Langsdorff enviou uma nova remessa de trabalhos à Rússia e despachou Vilguelmine para o Rio de Janeiro. Desta vez, os problemas de Langsdorff eram com Taunay. "Ele pediu demissão por escrito, que eu darei com grande satisfação", escreve o barão, para quem o artista era dono de um caráter indigno e se revelara um inútil nos últimos meses. Taunay não foi demitido, e o motivo foi mais uma vez o pragmatismo de Langsdorff. Ele pretendia ampliar o campo de sua pesquisa até o Ama-



**Sagüi-da-serra, por Rugendas: espécime da mata atlântica em risco de extinção**



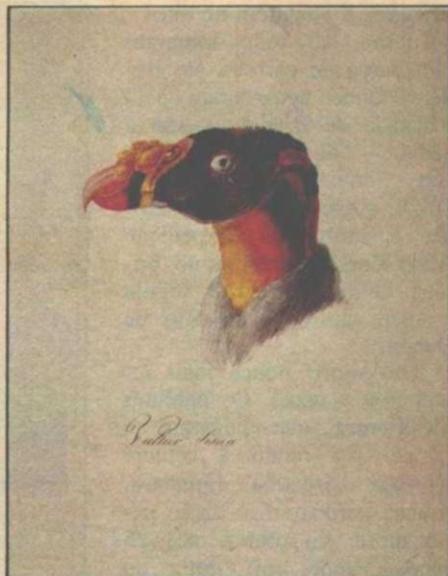
Príncipe: pássaro migratório encontrado em Santos

zonas e dividiu a expedição em dois blocos. Sem o saber, o barão acabara de selar a sorte do artista rebelde.

**ROSTO DESFIGURADO** — Taunay, chefiado pelo botânico Ludwig Riedel, deveria subir os rios Guaporé, Mamoré e Madeira, enquanto Langsdorff e os demais membros da equipe seguiriam pelos rios Preto, Arinos, Jurueña e Tapajós. Riedel, que liderava a variante da expedição, viajou até Casalvasco, na fronteira do Brasil com a Bolívia. O caminho de volta até a antiga capital de Mato Grosso, Vila Bela, foi marcado pela tragédia. Taunay, com pressa de regressar, veio à frente de Riedel até às margens do Guaporé. Uma discussão idiota com uma lavadeira, que estava na outra margem, levou o artista a tentar fazer a travessia a nado, apesar de todos os avisos da população local. Foi o seu fim. No meio do rio, Taunay não suportou a correnteza e morreu afogado. Seu corpo só foi encontrado três dias depois. “Os peixes desfiguraram-lhe o rosto e a mão esquerda. Unicamente a direita, em que se viam três anéis, fora respeitada. Atirei-me sobre ele e apertei-o contra o peito”, escreve Riedel a Langsdorff, que ficou abaladíssimo com a morte do artista. Riedel decidiu seguir viagem até o Amazonas, sem se reincorporar ao tronco principal da expedição. Mais tarde, sua decisão se mostraria sábia.

Langsdorff e os remanescentes de sua equipe enfrentavam as agruras da selva e da burocracia. A expedição ficou retida em Diamanti-

no por três semanas porque o comandante militar do lugarejo se recusou a fornecer número suficiente de soldados para escortar três canoas da equipe que deveriam voltar de Santarém. A demora na partida marca o princípio do fim da Expedição Langsdorff. Todos os componentes contraíram o que então se conhecia por febre tropical — provavelmente malária — e caíram doentes pelo resto da viagem. Eles sentiam dores de cabeça, cólicas e alucinações. O caminho foi pontuado por dificuldades, e ninguém era capaz de afirmar com segurança se che-



Urubu-rei: presente em todo o país

gariam com vida ao final da aventura, apesar de geograficamente próximo.

“Dois dias infelizes vividos. Meu corpo e alma entreguei às mãos do Todo-Poderoso, eu não pensei que sobreviveria ao dia de ontem”, escreveu Langsdorff no dia 20 de abril de 1828. A partir de então, o barão passou a maior parte do tempo inconsciente, padecendo de febre e envolto em pesadelos. O único integrante que ainda mantinha alguma resistência era Hércules Florence, que continuou o diário de Langsdorff do ponto onde o barão havia parado. A expedição só



Sapo-de-chifre, por Rugendas: retrato posado do animal longe de seu habitat

chegaria a Santarém no dia 1.º de julho. Ali, todos tomaram um barco de carreira até Belém, onde aguardaram pela chegada de Riedel — são e salvo — durante quatro meses. Somente em março de 1829, o que restou da poderosa e ambiciosa Expedição Langsdorff embarcou no brigue Dom Pedro I e seguiu viagem de volta ao Rio de Janeiro.

Langsdorff nunca mais recuperou a razão. Os parentes de Taunay, que chegaram ao Brasil integrando a célebre Missão Artística Francesa, nunca perdoaram o barão pela morte do pintor, aos 25 anos. Riedel foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e deu prosseguimento



Cabana bororo, por Taunay: tribo posteriormente dissolvida

FOTOS CLAUDS C. MEYER



Festa do Divino, por Florence: tradição que permanece

à Expedição Langsdorff — realizou pequenas viagens às províncias de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro e enviou à Rússia uma grande quantidade de plantas que coletou entre 1831 e 1836. Hércules Florence mudou-se do Rio para Campinas, uma das etapas da Expedição Langsdorff em São Paulo. Sem jamais abandonar a pintura, Florence se dedicou ao estudo da Física, da Química e dos efeitos da luz e foi um dos precursores da invenção da fotografia. Ele conseguiu registrar imagens fotográficas cinco anos antes das experiências pioneiras de Niepce e Daquerre na França. Um dos mais curiosos estudos da Expedição Langsdorff pertence a Florence. Ele dedicava-se à

zoofonia, anotando o som dos animais com o auxílio de notas musicais.

Os registros de mamíferos e pássaros tiveram destaque na Expedição Langsdorff. Um sagüi-da-serra, pintado por Rugendas, em 1812, era um animal que habitava grandes trechos dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e sul de Minas Gerais. Atualmente, porém, o sagüi-da-serra sobrevive em grupos muito reduzidos e está à beira da extinção. Os pássaros, registrados em maior número por Adrien Taunay, são exemplares muito conhecidos, como o tucano, posteriormente adotado como animal de estimação, o urubu-rei e o príncipe, este de características migratórias. Uma das aquarelas, porém, mostra o anambé-preto, um pássaro com um estranho topete tratado pelo artista como "pavão". Taunay avisa que desenhou o anambé a partir de um espécime empalhado, o que comprova que a expedição de Langsdorff por vezes trabalhava separadamente. Os artistas também representavam os animais longe de seu habitat, como ocorre com o sapo-de-chifre. Os pesquisadores contemporâneos chegaram à conclusão de que Rugendas, ao retratar o sapo, fez com que ele "posasse" sobre uma pedra — algo que não faz parte das características do animal.

**SEM GLÓRIA** — Sempre que remetia suas valiosas descobertas e registros à Rússia, o barão Langsdorff guardava uma grande preocupação. Ele tinha interesse em organizar e editar pessoalmente todo o material coletado, com vistas a uma futura publicação de um registro de sua viagem. "Peço, encarecidamente,

determinar o local onde os presentes manuscritos e pinturas serão guardados, para que possa encontrá-los e utilizá-los com o objetivo de preparar a edição da descrição da viagem”, escreveu o cientista, pouco antes de partir de Cuiabá numa viagem que, para suas funções cerebrais, não teria mais volta.

O destino ainda haveria de preparar uma derradeira ironia à alma do velho barão. A jóia mais rara de Langsdorff, a coleção de desenhos e aquarelas, permaneceu por um século esquecida nos porões do Museu do Jardim Botânico de Leningrado, até ser encontrada casualmente. Desde então, os cientistas soviéticos vêm se debruçando sobre os achados da coleção Langsdorff, catalogando textos, cartas, manuscritos, dicionários com expressões indígenas e outros documentos que se encontravam espalhados por diversas repartições soviéticas. Langsdorff morreu aos 78 anos, em 1852, em Friburgo, na Alemanha, para onde foi levado depois de encerrada sua expedição. Conviveu com a loucura por 25 anos e não pôde desfrutar as glórias da viagem de seus sonhos, nem se alimentar de suas memórias.

“Langsdorff ia, vinha, se agitava, chamava um, repreendia outro, corria, escrevia seu diário, arrumava sua coleção de borboletas e corria para cá e para lá, tudo ao mesmo tempo”, escreveu o botânico francês Saint-Hilaire, que teve o barão como companheiro de viagem em suas incursões pela América do Sul. As palavras de Saint-Hilaire não poderiam definir de melhor forma o caráter de metralhadora giratória do conhecimento do barão. Sua sede de ampliar fronteiras científicas e geográficas legou à humanidade um vasto material a respeito de um mundo que já não existe mais. Uma das mais belas gravuras de Taunay, de 1827, mostra um solitário tropeiro imerso na gigantesca floresta. Cabia a ele o status de embaixador itine-



Mosteiro de São Bento em Santos, por Taunay: hoje, viadutos no lugar das árvores



Tipos de São Paulo retratados por Taunay: roupas de época

rante das novidades, pois ninguém mais visitava povoados remotos no Brasil do século passado. A cena, como anota Taunay, mostra também uma capoeira — a tradicional prática de queimada, ainda hoje uma atividade predatória e comum no país.

**RÉPTEIS E ANFÍBIOS** — As pranchas realizadas durante a Expedição Langsdorff refletem o verdadeiro Eldorado americano: um paraíso onde a diversidade de flora e fauna é preponderante. No século passado, havia a necessidade, calcada no positivismo, de se ordenar o mundo e para isso era necessário descortinar novos horizontes, ampliar o campo de visão do homem. A palavra de ordem era classificar espécies e para isso era necessário conhecer a maior parte delas. As expedições científicas eram muito valorizadas e o material coletado e enviado às capitais europeias, fontes insubstituíveis de conhecimento. A coleção de

répteis e anfíbios coletada por Langsdorff, afirma o professor Ulysses Caramaschi, é de grande importância científica. "Somente 14 das 31 espécies figuradas eram conhecidas na época", diz Caramaschi. A serpente *Bothrops moojeni*, retratada por Florence, só foi conhecida 140 anos depois da expedição.

O ponto alto da coleção Langsdorff são os registros etnográficos. Uma das mais belas aquarelas de Taunay mostra o interior de uma cabana de índios bororo. "São índios que se destribilizaram antes que observações sistemáticas pudessem ser realizadas entre eles", escreve a antropóloga Thekla Hartmann, do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, em seu livro *A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX*.

São contribuições como essa que elevam ainda mais a importância dos desenhos e aquarelas do acervo Langsdorff. Florence, que entre os pintores era o mais rigoroso em termos científicos, também retratou índios bororo e munduruku, e, segundo Thekla Hartmann, os trabalhos são complementares. "Taunay soube captar com precisão detalhes da vida cotidiana dos bororo, complementando de maneira feliz as reproduções de Florence, que não dominava a representação de cenas." Uma das aquarelas de Florence, realizada na Vila de Diamantino, representa um grupo de habitantes pedindo esmolas para a Festa do Divino — um acontecimento que, percebe-se através da prancha, ainda se mantém intocado em várias regiões do país.

Em um tempo em que a ecologia é uma das ciências mais atuantes, as obras da Expedição Langsdorff apontam para o zelo de seus artistas em relação à natureza. Todas as pranchas guardam um valor documental incalculável. O trabalho artístico não deve ser subestimado pela predominância de seu caráter científico. As aquarelas e os desenhos têm vida própria porque guardam a vibração da obra de arte — por mais empenhados em registrar paisagens, personagens, animais e plantas de maneira científica, por trás de cada traço ou pincelada existe a mão de grandes artistas.



CLAUS C. MEYER

#### Monteiro, Tritzo e Kaz, em Leningrado

taram esforços para a publicação do material iconográfico da expedição. Depois de seguidas gestões junto aos embaixadores soviéticos no Brasil e pedidos aos representantes brasileiros em Moscou, a dupla conseguiu autorização para fotografar a iconografia completa da Expedição Langsdorff e viajou à União Soviética, acompanhada do fotógrafo Claus Meyer. "Fizemos tudo como a lei russa manda", diz Kaz, que, com Monteiro, encontrou-se com uma série de estudiosos russos da Expedição Langsdorff, entre os quais Abram Tritzo, da Academia de Ciências da União Soviética, e o professor Boris Komissarov, autor de duas dezenas de livros sobre a expedição e responsável pelo texto de introdução dos três volumes da Alumbramento.

Entre maio do ano passado —

## A caça ao tesouro

### Dois brasileiros resgatam a memória da expedição

Passados 160 anos da Expedição Langsdorff, dois brasileiros protagonizaram uma segunda aventura — na contramão. Por intermédio do professor Clemente Maria da Silva Nigra, que visitou o acervo Langsdorff em Leningrado na década de 60, e de reportagens esparsas da imprensa brasileira, Salvador Monteiro e Leonel Kaz, sócios na Editora Alumbramento, tomaram conhecimento há dez anos do tesouro tropical imerso na União Soviética e desde então concen-

quando retornaram da União Soviética — e a impressão dos primeiros exemplares, há um mês, os dois editores vasculharam o mundo científico em busca de especialistas capazes de comentar cada desenho e cada aquarela. Coordenados pelo professor Luiz Emygdio de Mello Filho, ex-diretor do Museu Nacional, a equipe de pesquisadores escreveu textos sintéticos e rigorosos, comentando as características de cada elemento retratado. "Quanto mais conhecíamos sobre a expedição, maiores as surpresas que nos estavam reservadas", diz Salvador Monteiro, que aponta o resgate da iconografia da



#### O livro: três volumes

expedição como um dos grandes acontecimentos culturais do Brasil.

**IMPRESSÃO** — O livro *A Expedição Langsdorff ao Brasil 1821-1829* dedica cada um de seus volumes a Rugendas, Taunay e Florence e será vendido nos locais da exposição, com obras originais dos artistas, por 36 000 cruzados — a obra só chegará às livrarias em novembro. O preço é subsidiado, graças ao apoio cultural do Banco do Brasil, da Companhia Vale do Rio do Doce, da Eletrobrás, da Fundação Alexandre de Gusmão e do Ministério das Relações Exteriores. A qualidade gráfica da obra é das mais primorosas já obtidas no Brasil. Monteiro mudou-se para São Paulo por três meses para acompanhar cada fase do processo gráfico, da escolha do papel à tinta de impressão. Monteiro e Kaz, passados 160 anos do final da expedição, conseguiram tornar realidade o sonho de Langsdorff — revelar uma faceta desconhecida do Brasil.